

PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO/CONSERVAÇÃO SOCIAL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA “FÁBULA DOS PORCOS ASSADOS”¹

PROCESS OF SOCIAL TRANSFORMATION/CONSERVATION: A REFLECTION FROM THE “FABLE OF THE ROASTED PIGS”

Ligia Regina Klein²
Aparecida Favoreto³
Ireni Marilene Zago Figueiredo⁴

Resumo:

O presente artigo pretende problematizar o papel da educação no processo de transformação social, valendo-se de um texto literário, a “Fábula dos porcos assados”. Questionando os papéis e pontos de vista que os personagens assumem diante dos problemas colocados pelo processo produtivo, pretende-se analisar diferentes perspectivas de enfrentamento da questão educacional em uma sociedade fundada na contradição capital e trabalho. O objetivo do trabalho é a promoção, por meio do apelo literário, de uma síntese que possa pôr em confronto uma diversidade de perspectivas que nos cursos de formação de professores nem sempre aparecem como distintos ou até mesmo antagônicos. Pretende-se evidenciar que a defesa de uma educação para a transformação social não se resume à explicitação de um desejo e/ou à crítica moral do modelo existente. É necessário ter consciência sobre a base material que dá sustentação à atividade educacional, bem como sobre as mediações necessárias para revolucionar a prática pedagógica, as quais tendem prevalecer às intenções individuais.

Palavras-chave: Transformação. Conservação. Consciência. Educação.

Abstract:

With this paper we aim to problematize the role of education in the social transformation process, from a literary text called “Fable of the roasted pigs”. We aim to analyze the different perspectives to face a educational issue in a society which was built in the contradiction between both capital and work, in order to question the roles and a point of view of characters of the fable. From the literary text, the point of this paper is to promote a synthesis which can put in confront a lot of perspectives that are never shown as different or opposite ones. We aim to show a defense of an education molded by a social transformation perspective which isn't only an explanation of a desire neither a moral critique of the existing model. We need to have conscious about the material base which gives sustenance to the educational activity as well as the needed mediations to revolutionize the pedagogical work which almost always tend to the individual intentions.

Keywords: Transformation. Conservation. Consciousness. Education.

¹ A “Fábula dos porcos assados” não possui autoria conhecida e nem data de produção. <http://contoselendas.blogspot.com/2004/12/fábula-dos-porcos-assados.html>. Parte da reflexão contida neste artigo foi publicada nos Anais do II Seminário Regional de Formação Continuada de Professores e II Mostra de Experiências e Vivências Pedagógicas, realizado nos dias 20 e 21 de Outubro de 2011 - Cascavel - PR.

²Graduada em Letras (FAFIC/PALMAS) e Direito (UFPR). Mestre em Educação (PUC/SP). Doutora em Educação (PUC/SP). Membro do Grupo de Pesquisa “Núcleo de Pesquisa Educação e Marxismo - NUPEMARX-UFPR”. E-mail: lr.klein@uol.com.br

³Graduada em História (UEM). Mestre em Educação (UEM). Doutora em Educação (UFPR). Professora do Curso de Pedagogia e do Mestrado em Educação da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* de Cascavel – PR e membro do Grupo de Pesquisa “História e Historiografia na Educação” (UNIOESTE). E-mail: cidafavoreto@globo.com

⁴Graduada em Pedagogia (UNIOESTE). Mestre e Doutora em Educação (UNICAMP). Professora do Curso de Pedagogia e do Mestrado em Educação da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* de Cascavel – PR. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política Educacional e Social – GEPPE/UNIOESTE. E-mail: irenifigueiredo@hotmail.com

O debate conceitual sobre transformação/conservação social torna-se imprescindível, no atual momento histórico, particularmente quando se trata em analisar estes conceitos em relação à educação, visto que é um tema recorrente em muitas publicações de teóricos da educação⁵. Em primeiro lugar, é necessário esclarecer que três movimentos, em regra, se confrontam na dinâmica social, sendo eles: a revolução, a reforma e a reação. Entende-se por revolução a transformação radical da matriz das relações sociais em dada formação social; por reforma, entende-se o movimento que busca promover mudanças orientadas para o desenvolvimento de novas (embora demarcadas) potencialidades, nos limites, porém, da mesma matriz; o movimento de reação, ao contrário, orienta-se para um retorno a uma matriz anterior, ou o retorno a formas mais conservadoras dentro da mesma matriz. Essas designações, no discurso pedagógico contemporâneo, vêm sendo simplificadas, com nítido abandono de um projeto revolucionário. O termo “revolução” entrou em franco desuso. Os termos “mudança” e “transformação” são tratados como sinônimos. De modo geral, pode-se destacar que tanto para transformar, como para conservar a sociedade medidas intencionais são tomadas, as quais, para produzirem algum efeito, necessitam ser pensadas em relação ao contexto histórico-social. Daí que, para discorrer sobre a educação para conservação e/ou transformação social é necessário refletir também sobre consciência, sistema, estrutura e práxis.

Para tanto, temos como referência a “Fábula dos porcos assados” que, apesar de se tratar de uma obra fictícia, o enredo, que mostra os problemas gerados pelo sistema⁶ de produzir porcos assados, as soluções apresentadas e os diferentes comportamentos dos personagens, expressa elementos que nos permitem refletir sobre o processo de transformação/conservação social em relação à educação, trazendo, como já

enunciado, os conceitos de consciência, sistema, estrutura e práxis.

A fábula apresenta um complexo sistema produtivo, cuja técnica compreendia o incêndio dos bosques de assar porcos, que exigia maquinários diversificados, diversos especialistas e especializações, no qual, em meio a constantes problemas, buscava-se melhorar a produção. O sistema impunha a necessidade de uma ampla infraestrutura material, social e de qualificação da mão-de-obra, o que envolvia diversos setores da sociedade.

Assim sendo, para a análise dos conceitos elencados, iniciamos com o drama central dos personagens da “Fábula dos porcos assados”:

[...] um incendiador categoria AB/SODM-VCH (ou seja, um acendedor de bosques especializado em sudoeste diurno, matutino, com bacharelado em verão chuvoso) chamado João Bom-Senso resolveu dizer que o problema era muito fácil de ser resolvido - bastava, primeiramente, matar o porco escolhido, limpando e cortando adequadamente o animal, colocando-o então numa armação metálica sobre brasas, até que o efeito do calor - e não as chamas - assasse a carne (FÁBULA DOS PORCOS ASSADOS, s/d., p.1).

Podemos afirmar que tal solução nos parece perfeitamente coerente, visto que se assemelha à nossa forma de assar porcos. Todavia, não parece ser tão clara, na Fábula, gerando um desconforto administrativo e social. De fato, quando o Diretor Geral fica sabendo da proposta de João Bom-Senso, manda chamá-lo ao seu gabinete e, depois de ouvi-lo, lhe diz: “Tudo o que o senhor disse está muito bem, mas não funciona na prática” (p. 2). Em seguida, interroga-o sobre o que faria com a infraestrutura já montada, onde aproveitaria os diversos especialistas já formados e os conhecimentos acumulados depois de vários investimentos humanos e econômicos. Enfim, esclarece que necessitava de solução para fazer frente:

[...] à indisciplina dos porcos, que não permaneciam onde deveriam, ou à inconstante natureza do fogo, tão difícil de controlar, ou ainda às árvores, excessivamente verdes, ou à umidade da terra ou ao serviço de informações meteorológicas, que não acertava o lugar,

⁵Como exemplo pode-se citar: Durkheim, Dewey, Gramsci, Althusser, Bourdieu, Saviani e etc.

⁶Para Saviani, sistema é sempre “produto da ação humana”, o que envolve sistematização: “Esta implica também uma multiplicidade de elementos que precisam ser ordenados, unificados, conforme se depreende da origem grega da palavra ‘sistema’: reunir, ordenar, colidir. Sistematizar é, pois, dar, intencionalidade, unidade à multiplicidade. É o resultado obtido” (2009, p. 3).

o momento e a quantidade das chuvas (FÁBULA DOS PORCOS ASSADOS, s/d., p.1).

João Bom-Senso, que parecia ter a melhor solução para os problemas, não consegue responder convincentemente a nenhuma das perguntas e é advertido pelo Diretor Geral: “Bem agora que o senhor conhece as dimensões do problema, não saia dizendo por aí que pode resolver tudo. O problema é mais sério e complexo do que o senhor imagina” (FÁBULA DOS PORCOS ASSADOS, s/d., p. 2). Diante da situação e temendo óbvias consequências, João Bom-Senso, “não falou mais um a. Sem despedir-se, meio atordoado, meio assustado com a sua sensação de estar caminhando de cabeça para baixo, saiu de fininho e ninguém mais o viu” (FÁBULA DOS PORCOS ASSADOS, s/d., p. 2). Concluindo, o autor afirma, com fina ironia, que: “quando há reuniões de Reforma e Melhoramentos, [...] falta o Bom-senso” (FÁBULA DOS PORCOS ASSADOS, s/d., p. 2).

Do exposto, observa-se que há uma tensão entre conservação e transformação social. Para avançarmos na análise dos conceitos, se faz necessário refletir sobre a consciência que os personagens da Fábula possuíam do processo produtivo de suas vidas, bem como é necessário explicitar as relações que se estabeleciam entre eles. Não se trata, aqui, da consciência como dado estágio interior que o indivíduo deve atingir, mas da capacidade de refletir sobre alguma coisa, a qual em um processo que abriga experiências, percepção, conhecimento do passado, expectativas e planificação. Nesse caso, não partimos de uma definição fechada de consciência. Concebemos que a consciência refere-se tanto ao pensamento mais elaborado, quanto ao senso comum. Desta forma, níveis diferenciados de consciência podem ser entendidos, também, como níveis diferenciados de conhecimento. Sobre a questão, destacamos a seguinte afirmação de Saviani:

A existência humana é, pois, um processo de transformação que o homem exerce sobre o meio, ou seja, o homem é um ser-em-situação, dotado de consciência e liberdade, agindo no mundo, com o mundo e sobre o mundo. Na maior parte do tempo as ações humanas se desenvolvem normalmente, espontaneamente, ao nível, portanto, da *consciência irrefletida*, até que algo

interrompe seu curso e interfere no processo, alterando sua sequência natural. Aí, então, o homem é obrigado a se deter e examinar, a procurar descobrir o que é esse algo que, normalmente, nós nomeamos com a palavra “problema”. A partir desse momento, ele começa a refletir, isto é, ele tematiza a realidade, voltando-se intencionalmente para ela a fim de compreendê-la tendo em vista resolver os problemas que interromperam o curso de sua ação vital (SAVIANI, 2009, p. 2. Grifo nosso).

Saviani denomina de “consciência refletida” essa forma sistematizada e intencional, que permite o agir sistematizado, cujas características básicas podem ser assim enunciadas:

- a) tomar consciência da situação;
- b) captar os seus problemas;
- c) refletir sobre eles;
- d) formulá-los em termos objetivos propostos;
- e) organizar os meios para atingir os objetivos propostos;
- f) intervir na situação, pondo em marcha os meios referidos;
- g) manter ininterrupto o movimento dialético ação-reflexão-ação, já que a ação sistematizada é exatamente aquela que se caracteriza pela vigilância da reflexão (SAVIANI, 2009, p. 2).

Feitas estas considerações, Saviani (2009, p. 2) conclui “que a atividade sistematizadora envolve toda a estrutura do homem nos seus três elementos (situação, liberdade e consciência)”.

Sobre a consciência dos personagens da Fábula em análise, é necessário verificar que tanto o incendiador João Bom-Senso quanto o Diretor Geral movem-se na direção da busca de soluções para os problemas produtivos; entretanto, no encaminhamento das soluções, João Bom-Senso, mesmo tendo a possibilidade de colocar fim a todos os problemas gerados pelo sistema, é vencido pelas argumentações do Diretor. Por que isto ocorre?

A sátira de que o autor reveste a sua narrativa tende, à primeira vista, a nos levar a pensar que João Bom-Senso é o único com consciência e que foi vencido pela hierarquia funcional. Entretanto, se observarmos a trama em que se constrói o diálogo dos personagens, verifica-se que a hierarquia é apenas causa

secundária. De fato, existia uma diferença quanto ao nível de consciência dos personagens, mas, ao contrário do que sugere a primeira impressão, João Bom-Senso possuía uma compreensão deformada, porque parcial da organização do sistema produtivo. Ou seja, a personagem não compreendia a multiplicidade e a ordenação dos elementos produtivos, dobrando-se ao imediatismo da prática, sem efetivamente questioná-la. Por essa razão, não conseguia prever as mais profundas consequências econômico-sociais de sua proposta.

Por outro lado, o Diretor compreendia o funcionamento geral do sistema e, desta forma, ele formulava os objetivos a serem atingidos e os meios possíveis para tanto, bem como interferia na situação para observar e manter a lógica funcional do sistema. O Diretor conseguia estabelecer relações entre a prática de queimar bosques e os outros ramos da cadeia produtiva e formativa.

Partindo deste pressuposto, pode-se apontar que João Bom-Senso não possuía consciência refletida, enquanto o Diretor possuía? Pode-se dizer que o Diretor tinha o poder de determinar a forma de ser social e João Bom-Senso não?

A posição assumida pelos personagens não deve ser analisada pelo viés moral, como certas ou erradas, mas devem ser compreendidas como necessidades sociais⁷. Nesse caso, devemos ir além da análise circunscrita aos indivíduos, considerando-os em relação à totalidade social. Isto exige conceber a consciência como elemento social que se realiza na luta do homem pela vida, tanto na sua relação com a natureza, como nas relações entre os homens. O homem, para satisfazer as suas necessidades, transforma a natureza e, ao transformá-la, transforma a si mesmo. Dito de outra forma, a ação do homem na produção da vida se faz em uma “*dupla relação*: por um lado como uma *relação natural*, por outro como uma *relação social* – social no sentido que se estende com isso a ação conjugada de vários indivíduos” (MARX; ENGELS, 1998, p. 23. Grifo nosso).

Desse modo, a relação entre o processo de transformação/conservação e a consciência se faz

em termos relativos. Ou seja, de um lado, se faz na confirmação e nos limites da produção, do outro, na possibilidade de negar o consenso produtivo. Encontramos esse pressuposto em Marx:

[...] são os homens que, desenvolvendo sua produção material e suas relações materiais, transformam, com a realidade que lhes é própria, seu pensamento e também os produtos do seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina as consciências (MARX; ENGELS, 1998, p. 20).

Prosseguir na discussão sobre a consciência e o papel que cada um ocupa no processo de conservação/transformação social impõe refletir sobre as condições materiais que constituem a base para reproduzir o sistema produtivo, bem como a influência deste sobre as relações sociais.

Neste aspecto, João Bom-Senso extrai do processo de trabalho elementos que possibilitam uma nova forma de produção da vida. Com efeito, o processo de transformação está no exercício da atividade criativa do homem e na apropriação dos produtos dessa atividade. Entretanto, na forma de produção capitalista, o homem é separado de suas capacidades produtivas (criativas). Assim, não se apropria de suas conquistas intelectuais, senão de forma parcial.

Pode-se afirmar que a proposta de João Bom-Senso correspondia aos problemas gerados na prática; sua proposta, contudo, ficou limitada aos procedimentos técnicos, relativos aos problemas imediatamente práticos e utilitários. Neste aspecto, por não estabelecer o nexos com o seu contexto social, não conseguiu argumentar consistentemente em defesa de sua proposta. O sistema produtivo descrito na “Fábula dos Porcos Assados” pode ser comparado ao modo de produção capitalista e, nesse caso, os personagens comportam-se de acordo com o *status quo* da referida organização.

No que se refere ao Diretor Geral, sem dúvida pode-se afirmar que ele tem capacidade de refletir sobre a técnica produtiva e age de acordo com o seu projeto prévio de organização da produção. Porém, sua perspectiva limitava-se à busca de soluções estritamente de acordo com as leis próprias daquele sistema. A realidade era concebida por ele como natural, no limite prático-

⁷ “[...] os homens precisam antes de tudo beber, comer, morar, vestir-se e algumas outras coisas mais” e “uma vez satisfeita a primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento já adquirido com essa satisfação levam a novas necessidades” (MARX, 1998, p. 21-22).

utilitário. Por esta razão, para ele, o que importava era “melhorar o sistema, e não transformá-lo” (p. 2). É necessário grifar que o Diretor Geral, imerso na complexidade do sistema, identificava-se com ele. Assim, quando teorizava sobre o mesmo, pensava-o em harmonia tanto com a complexidade social quanto com a base material produtiva. Seu ideal administrativo centrava-se em uma tal forma de organização do trabalho em que cada um se limitasse à sua esfera de atividade exclusiva, visando produzir mais e melhor. Daí que, apenas desejava ter produtores mais eficientes, pois acreditava que uma produção melhor seria de interesse de todos. Interessava-lhe resolver os problemas decorrentes da indisciplina dos porcos, da inconstância do fogo, dos estábulos pouco resistentes, etc. Assim, ele não conseguia e/ou não lhe interessa refletir sobre as contradições inerentes ao sistema produtivo.

Em face da sua compreensão da realidade, entende-se porque o Diretor incomodou-se com proposta de João Bom-Senso, uma vez que poderia contribuir para ensejar uma nova organização das funções produtivas, e, conseqüentemente, poderia romper com os fundamentos da produção e reprodução social em vigor. Desta forma, implicaria na desestruturação daquela sociedade e na constituição de uma outra, cujas condições de produção da vida não seriam possíveis de prever. O Diretor Geral admitia reformas e/ou pequenas mudanças, desde que não afetassem o modo de produção vigente.

O que se verifica é que, diante dos problemas iminentes do sistema produtivo, as soluções admitidas pelo Diretor se limitam na reprodução do sistema produtivo, de modo a preservar as relações sociais, geralmente justificadas pelo conjunto de normas sociais que envolviam os dois personagens. A proposta do profissional incendiador, por sua vez, não se limitava a pequenas mudanças na reorganização administrativa, bem como não previa uma simples readaptação da mão-de-obra. De certo modo, a implementação de sua proposta poderia colocar o fim naquela forma de divisão social do trabalho, tornando ultrapassadas as exigências formativas para aquela sociedade.

Neste ponto, é importante lembrar que na sociedade capitalista, se, por um lado, as forças produtivas têm em si a necessidade constante de evoluir, por outro, as relações sociais de produção devem ser mantidas de forma relativamente estável, sendo esta a condição essencial de sua

existência. Neste jogo de forças, as atitudes dos homens não são neutras, mesmo que não tenham plena consciência disto.

Da mesma forma, observa-se na fábula que os personagens, apesar de situados em uma mesma forma social de produção da vida, assumiram posições diferentes diante dos problemas. A questão transita entre a manutenção da ordem, com eficiência produtiva, e a pressão do movimento histórico que tende a quebrar a relativa estabilidade.

Esta dupla pressão pode gerar tensões, as quais tendem a atingir certa intensidade ao ponto de possibilitar a transformação social. Norbert Elias, referindo-se às tensões, destaca que:

[...] ao atingirem certa intensidade e estrutura, geram o impulso por mudanças estruturais na sociedade. Graças a elas, as formas de relações e instituições da sociedade não se reproduzem aproximadamente da mesma forma de uma geração para outra. Graças a elas, algumas formas de vida em comum tendem constantemente a se mover em determinada direção, rumo a transformações específicas, sem que nenhuma força externa esteja implicada (ELIAS, 1994, p. 44).

Talvez seja ilusório afirmar que o incendiador, na sua atividade prática, havia formulado a possibilidade de por fim a todos os problemas do sistema. Mas, de fato, o que se verifica é que sua proposta entra em confronto com a atividade teórico-prática do Diretor. Sem dúvida, esse embate sugere que, na produção da vida social, os homens estão em luta:

Lutas travadas entre os homens quanto às formas de produzir a vida e as idéias. Lutas com o passado, quando este impede o novo de dar um passo à frente; lutas no presente, quando, diante das novas necessidades e incertezas do futuro, os homens se confrontam e produzem as mais diversas propostas de reformas sociais e educacionais (FAVORETO, 2008, p. 15).

O processo de transformação social, apesar de se fazer com base na vivência coletiva, não é harmônico, linear e evolutivo, posto que apresenta contradições. Na Fábula, a sociedade descrita apresenta interesses divergentes que são aguçados

pela divisão do trabalho e pela luta entre o passado, que resiste, e o novo, que se mostra incerto. Ou seja, no movimento da história existe um conflito entre potencialidade produtiva, divisão do produto e luta política. Neste movimento, conforme expressa Marx, o homem faz a história, contudo não a faz segundo seu desejo, mas dentro de condições sociais pré-determinadas, o que chamamos de condições reais⁸.

Na “Fábula dos porcos assados”, a contradição está na luta do Diretor Geral para manter a ordem, mas também está presente nas necessidades criadas pelo processo de desenvolvimento social que, por sua vez, pode ser mais forte ou mais fraco do que a vontade dos indivíduos. Isto implica afirmar que os elementos que compunham aquela sociedade pertenciam a uma situação intencional, na qual todos participavam, seja na forma de contraposição ou de aceitação da ordem. Neste embate, resta ainda grifar que o Diretor conseguiu manter a ordem mediante o convencimento sobre a impossibilidade de materialização da proposta de João Bom-Senso.

Na continuidade da reflexão sobre o processo de transformação/conservação social cumpre destacar a coerência interna e externa em relação à noção de sistema:

Ora, vê-se por aí, a estrutura dialética que caracteriza a noção de ‘sistema’: intencionalidade implica os pares antitéticos sujeito-objeto (o objeto é sempre algo lançado diante de um sujeito) e consciência-situação (toda consciência é de alguma coisa); a unidade se contrapõe à variedade, mas também se compõe com ela para formar o conjunto; e a coerência interna, por sua vez, só pode se sustentar desde que articulada com a coerência externa, pois, em caso contrário, será mera abstração (SAVIANI, 2009, p. 3).

E conclui com a seguinte conceituação: “‘Sistema’ é a unidade de vários elementos intencionalmente reunidos de modo a formar um conjunto coerente e operante” (SAVIANI, 2009, p. 3).

Ainda, é de Saviani a formulação de que nos valem para a reflexão acerca do processo de transformação/conservação social, considerando a

relação entre sistema e estrutura. Sobre essa relação, diz o educador:

A estrutura implica a própria textura da realidade; indica a forma como as coisas se entrelaçam entre si, independente do homem, e às vezes, envolvendo o homem (como no caso das estruturas sociais, políticas, econômicas, educacionais etc.). O sistema, em contrapartida, implica uma ordem que o homem impõe à realidade. Entenda-se, porém: não trata-se de criar a realidade. O homem sofre ação das estruturas, mas, na medida em que toma consciência dessa ação, ele é capaz de manipular a sua força agindo sobre a estrutura de modo a lhe atribuir um sentido (SAVIANI, 2009, p. 6).

Se, para Saviani, sistema implica “uma ordem que o homem impõe à realidade”, podemos afirmar que o Diretor Geral possuía consciência do conjunto coerente e operante do sistema de queimar bosques. No que se refere ao incendiador, se considerarmos que a sua proposta visava apenas uma solução prático-utilitária e, de certo modo, imediata do problema, podemos dizer que ele possuía uma “consciência irrefletida” ou, “consciência mais ou menos refletida” ou, consciência limitada, senso comum, etc., visto que ele não entendia as articulações do sistema produtivo com a estrutura econômico-social.

Nesse sentido, na intriga da Fábula, destacamos dois níveis de consciência: o homem que limita sua ação à solução das necessidades imediatas, restringindo-a à confirmação da prática existente e aquele que, a partir das necessidades produtivas anunciadas e condições materiais apresentadas, de forma intencional, busca atender os interesses firmados pelas relações daquela produção. Pensando, então, em um sentido de transformação social, diríamos que se faz necessário ter “consciência do meio sensível *mais próximo* e de uma interdependência limitada com outras pessoas e outras coisas situadas fora do indivíduo que toma consciência” (MARX, 1998, p. 25. Grifo no original). Neste sentido, mais do que indivíduos que se integram ou ordenam um sistema, se faz necessário atingir, também, a consciência refletida.

Para avançar intencionalmente no processo de transformação da realidade, a nova teoria de João Bom-Senso precisava encontrar o seu nexo, novamente, com a prática que inicialmente ela

⁸Ver: MARX, 18 de Brumário, s/d.

negou⁹. A proposição de uma nova teoria, portanto, não se resume a um projeto individual, tal como parece ter sido o caso da proposição de João Bom-Senso apresentada ao Diretor Geral. Nesse caso, “[...] a teoria, por si mesma – como produção de finalidades ou de conhecimentos – não transforma nada real; ou seja, não é práxis” (VÁZQUEZ, 1977, p. 239).

Neste caso, se desejamos refletir sobre o processo de conservação/transformação social, se faz necessário ponderar, também, sobre qual é a consciência que o homem comum tem de práxis¹⁰. Essa questão é abordada por Saviani (2009, p. 8-9), na seguinte formulação:

[...] o homem comum¹¹, imerso no cotidiano, é incapaz de ultrapassar o domínio do prático-utilitário para perceber as implicações e consequências de sua própria atividade prática. A consciência que tem da práxis é, mesmo, um obstáculo à ação intencional comum, uma vez que o leva a desprezar a teoria. Para ele, a prática se basta a si mesma; se surgem problemas, a própria prática já apresenta um repertório satisfatório de soluções. A atividade teórica é o não-prático, portanto, inútil; mais ainda: é o antiprático, pois introduz complicações, altera a sequência ‘natural’ dos acontecimentos, quebra a rotina, causa transtornos.

Os processos de transformação e/ou de conservação social são intrínsecos à realidade humana, sendo que toda práxis¹² é entendida

⁹ Para mais claro entendimento, recorremos a uma nota explicativa de Vázquez, que exemplifica da seguinte forma: “A possibilidade de criar uma teoria nova, como a geometria não-euclidiana, pela negação concreta de uma teoria já existente – a geometria euclidiana –, demonstra certa autonomia da teoria em relação à prática em seu aparecimento e desenvolvimento. Contudo, essa nova geometria nascida de uma relação negativa num plano puramente teórico encontrou posteriormente aplicações práticas diversas na mecânica e na física. Desse modo, a teoria encontra novamente seu nexa com a prática” (VÁZQUEZ, 1977, p. 239. Nota do autor no texto).

¹⁰ Práxis é atividade teórico-prática na medida em que tem um lado ideal, teórico, e um lado material, propriamente prático, cujo lugar dessa unidade é a própria prática (VÁZQUEZ, 1977, p. 239-241).

¹¹ “[...] a consciência comum da práxis não está descarregada por completo de certa bagagem teórica, ainda que nessa bagagem as teorias se encontrem degradadas” (VÁZQUEZ, 1977, p. 9-10).

¹² Conferir VÁZQUEZ, 1977.

como uma atividade humana prática fundamentada teoricamente, o que implica uma unidade dialética entre teoria e prática (SAVIANI, 2009, p. 6-7). Neste quadro, o que queremos, sobretudo, destacar é a indissociabilidade teórico-prática da ação humana. Isto implica que inexistente atividade humana que não aluda um desfecho. Portanto, tendo ou não, consciência dessa posição, os homens estão constantemente tomando um posicionamento perante o processo de transformação e/ou conservação social.

Isso significa considerar que “[...] não é a teoria que faz o sistema; ela apenas é uma condição necessária para que ele se faça. Quem faz o sistema são os homens quando assumem a teoria na sua práxis” (SAVIANI, 2009, p. 7). Quem faz o sistema educacional, portanto, são os educadores “quando assumem a teoria na sua práxis educativa, isto é, quando a sua prática educativa é orientada teoricamente de modo explícito” (SAVIANI, 2009, p. 7).

Nesse sentido, não se trata de descrever as leis funcionais dos sistemas, mas compreendê-las no movimento histórico. Nesse processo, é preciso considerar que não existe um momento específico para adquirir consciência e outro para realizar-se como sujeito histórico. Estes elementos estão imbricados e exigem um trabalho de educação do homem como sujeito histórico que constantemente, diante de suas condições materiais, toma um posicionamento perante o processo de transformação e/ou conservação social. Em outros termos, os homens, na sua forma de produzir a vida, tomam decisões, as quais marcam uma posição perante o processo histórico-social.

Assim sendo, podemos considerar, nesta análise, que:

Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação [...]. Uma teoria só é prática na medida em que materializa, através de uma série de *mediações*, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação (VÁZQUEZ, 1977, p. 235-236).

Devemos mencionar, desse modo, que nossas ações “[...] são organizadas segundo normas decorrentes dos valores que estão na base

da finalidade preconizada” (SAVIANI, 2009, p. 10), quer tenhamos ou não pleno conhecimento e domínio teórico. Isso significa que, para a efetivação do valor que está na base da finalidade preconizada, é imprescindível conhecermos a realidade em seu movimento e em suas contradições materiais e sociais. Ainda que, inicialmente, em níveis mais simples, esta é uma exigência, visto que a forma de como compreendemos a realidade, determina nossas ações mais imediatas.

É dessa forma que sustentamos a importância da categoria totalidade¹³ na formação dos sujeitos em nossa atual sociedade, pois a educação diz respeito a tudo o que se faz e se pensa sobre o homem; não o homem isolado, mas o ser social. Neste sentido, os homens, além conhecer as leis que regem o sistema, necessitam refletir sobre a base teórica de suas atividades práticas que, por sua vez, constituem os sistemas.

A defesa de uma educação para a transformação, portanto, não se resume à explicitação do desejo de transformar ou somente à crítica ao modelo existente. Além da consciência sobre a base teórica que dá sustentação às nossas atividades educacionais, são necessárias as mediações para materializá-las, considerando as circunstâncias históricas, econômicas, culturais, etc. que tendem a prevalecer sobre nossas intenções individuais.

A reflexão que aqui se desenvolveu, portanto, pretende ser um chamamento, ainda que modesto, a nós educadores, para que não nos curvemos à prática alienante da sociedade capitalista que nos limita à reprodução de conteúdos e fórmulas esvaziados de teoria.

Referências:

FÁBULA DOS PORCOS ASSADOS, s/d. Disponível em: <http://contoselendas.blogspot.com/2004/12/fbula-dos-porcoss-assados.html>. Acesso: 22 de mar. 2011.

FAVORETO, A. **Marxismo e Educação no Brasil (1922-1935)**: o discurso do PCB e de seus intelectuais. Curitiba: UFPR, 2008. Tese (Doutorado em Educação).

KLEIN, L. R. Elementos de Fundamentação Teórica para a Alfabetização. In: **Caderno de Alfabetização para o Professor de Educação de Adultos**. SEED-DESU. Curitiba: 1991.

KLEIN. **Fundamentos para uma proposta pedagógica**. Disponível em: <http://www.pedagogia.seed.pr.gov.br>, Acesso em: 05 jun. 2012.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, K. 18 de Brumário. In: **Obras Escolhidas**. São Paulo: Alfa Omega, s/d.

SAVIANI, D. **Sistema de Educação: subsídios para a conferência nacional de educação**. Texto organizado a pedido da Assessoria do MEC para servir de subsídio às discussões preparatórias da Conferência Nacional de Educação, 2009. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/pedagogia/Saviani.pdf>. Acesso em 20 de mar. 2011.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

¹³Segundo Klein (2010, p. 16): “Abordar um conteúdo em uma perspectiva de totalidade significa desenvolvê-lo a partir de seus fundamentos, explicitando as relações e mecanismos que articulam seus elementos particulares. Não se trata, pois, de ‘ir da parte ao todo’, nem tampouco de ‘ir do todo à parte’, mas de explicitar, no todo, como é que as partes se articulam de modo a constituir aquela totalidade e não outra”.